

CURT NIMUENDAJU

Por EGON SCHADEN

Em fins do ano passado, a imprensa brasileira noticiou o falecimento de Curt Nimuendajú. Foi em *Santa Rita*, entre os índios *Tucuna* do Rio Solimões, que a morte veio surpreender, em 10 de dezembro de 1945, o grande amigo e protetor dos aborígenes brasileiros. Por mais de quarenta anos, êsse explorador de fama universal estivera internado nos sertões brasileiros, convivendo com numerosas tribos indígenas. E mais de trinta contribuições etnológicas e lingüísticas, publicadas em vários países da América e da Europa, patenteiam o seu devotamento ao estudo das culturas primitivas. Alguns dêsses trabalhos se enumeram entre os melhores estudos existentes acêrca do indígena brasileiro.

Curt Nimuendajú, que era natural de Iena, chegou ao Brasil em 1903, com a idade de 20 anos. Pouco depois, entrou em contacto com os índios Guarani da região ocidental do estado de São Paulo. Desde logo, tratou de aprender o idioma dêsses aborígenes, que não tardaram, de sua parte, a tributar-lhe ilimitada confiança. E em 1906, na aldeia do rio Batalha, os *Apapocua-Guarani* o receberam solenemente em sua tribo, submetendo-o a tradicional cerimônia religiosa que êle próprio caracterizou como "algo complicada e incômoda". Foi aí que lhe impuseram o nome guarani Nimuendajú, que êle mais tarde passou a usar em substituição a Unkel, seu antigo nome de família.

Durante trinta e cinco anos Nimuendajú foi colaborador do Serviço de Proteção aos Indios. Nessa qualidade, foi sempre intransigente e enérgico defensor do selvícola contra injustiças e agressões de toda espécie. Ainda três dias antes de mo-

rrer, redigiu veemente protesto contra a atitude brutal e covarde assumida pelos brancos em face dos índios *Paracanã* do rio Tocantins. Em 1922, aceitou a incumbência de tentar a pacificação dos índios *Parintintin*, que eram quase inteiramente desconhecidos, mas de "péssima fama", como êle próprio se exprime. A custa de grandes sacrifícios e de extraordinária habilidade conseguiu afinal vencer a hostilidade dessa tribo de antropófagos. Foi uma das grandes realizações de sua vida.

Ao receber a notícia do falecimento de seu incansável auxiliar, o Serviço de Proteção aos Índios, homenageando-lhe a memória, deu a denominação de "Curt Nimuendajú" ao antigo posto indígena de *Araribá*, no interior de São Paulo.

O primeiro grande trabalho científico de Curt Nimuendajú apareceu em 1914 na "Zeitschrift für Ethnologie". Esse monumental estudo, que trata da "lenda da criação e da destruição do mundo como fundamento da religião dos Apapocuva-Guarani", constitui ainda hoje uma das mais valiosas contribuições para o conhecimento da vida religiosa dos aborígenes sulamericanos. Em cada uma de suas páginas manifesta-se, ao lado da atitude objetiva do etnólogo, a profunda simpatia e dedicação que o explorador votava ao indígena brasileiro. E foi exatamente a sua amizade pelo homem rude e primitivo das florestas que lhe deu a capacidade de penetrar com tanta agudeza nos segredos e mistérios da religião apapocuva. Para compreender a vida religiosa dos selvícolas, procurou vivê-la, êle próprio, com a maior intensidade possível. Com essa atitude, conseguiu, entre outras coisas, compreender e revelar a estreita conexão existente entre a mitologia tribal e os surtos messiânicos que por muitos anos agitaram os *Apapocuva* e outras tribos do grupo Guarani. E ao contar a triste história desses movimentos, que tão depressa acarretaram a extinção quase total das hordas fanatizadas, Nimuendajú põe bem à mostra o grande coração que votava a seus irmãos-de-tribo.

Dentre os trabalhos etnológicos de Curt Nimuendajú destacam-se especialmente as suas contribuições sôbre os *Gê* setentrionais. Já em 1914, quando visitou os *Gregê* do baixo Mearim e outros aborígenes do nordeste brasileiro, pôs-se a investigar a organização social, a religião e outros aspectos das tribos do grupo *Gê*. Mais tarde, dedicou grande parte de

seu tempo ao estudo dos *Canelas*, *Apinayé*, *Xerente* e outros representantes dos *Gê* setentrionais. As suas observações sobre êsses indígenas encontram-se sobretudo em alguns artigos insertos no *American Anthropologist* e nas magníficas monografias "The Apinayé" (Washington 1939) e "The Serente" (Los Angeles 1942). Principalmente o livro sobre os *Apinayé* está fadado a tornar-se obra clássica de etnologia brasileira.

Consta que a direção do Museu Nacional, do Rio de Janeiro, que, aliás, nunca deixou de dar o seu apôio às empresas de Curt Nimuendajú, fará, logo que possível, uma edição completa de seus trabalhos em língua portuguesa. Seria, sem dúvida a maior e mais justa homenagem que se pode prestar à memória do grande cientista.

SAN PABLO (BRASIL).

Universidade de São Paulo